

Mário de Andrade, 1938: entre exílio, personae e lacuna¹

Giovanna de Souza Corbucci

Exílio

Na rua Aurora eu nasci
na aurora de minha vida
E numa aurora cresci.

no largo do Paçandu
Sonhei, foi luta renhida,
Fiquei pobre e me vi nu.

nesta rua Lopes Chaves
Envelheço, e envergonhado
nem sei quem foi Lopes Chaves.

Mamãe! me dá essa lua,
Ser esquecido e ignorado
Como esses nomes da rua. (ANDRADE, 2017)

Mário de Andrade nasceu em uma casa na Rua Aurora, nas proximidades do Largo do Paissandu, centro de São Paulo. O ano era 1893. A região central da cidade, pouco tempo depois, se desenvolveria enquanto espaço comercial. Segundo Castro, “em 1921, fugindo à invasão comercial, a família vende o sobrado e muda-se para uma casa na rua Lopes Chaves 108 (depois 546), na Barra Funda” (CASTRO, 1989, p. 58). A nova residência era uma chácara antiga, posteriormente transformada em museu, que até hoje se pode visitar.

Tércio (2019) alega que na Lopes Chaves reinava um “silêncio absoluto, exceto pelos apitos dos trens de carga ao longe, durante o dia” (TÉRCIO, 2019, p. 97). A rua Lopes Chaves parecia ser um espaço um tanto bucólico, residencial, com pequenas chácaras, que abrigava a classe média local. O Rio de Janeiro, por outro lado, tinha um traçado urbano mais complexo: àquela época, o bairro do Catete, onde viveu o escritor, de acordo com Peres, era “povoado de estudantes, escritores, jornalistas, militares, funcionários públicos”. Resultante desse processo, foram construídos hotéis, pensões, casas de cômodos e tornou-se espaço para o divertimento de populares.” (PERES, 2020, p. 72).

Moacir Werneck de Castro, amigo quase vinte anos mais jovem que Mário e um de seus biógrafos, escreveu, em 1989, uma obra de caráter biográfico chamada “Mário de Andrade: Exílio no Rio”. Seu propósito era discorrer sobre os três anos de vivência do autor de Macunaíma na capital federal (1938-1941), momento de singularidade em sua trajetória de

¹ Este artigo é fruto da minha pesquisa de mestrado, realizada no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

vida – que ele caracteriza como “exílio”, decorrente da “fuga” da situação que se instaurou no Departamento de Cultura de São Paulo após o início da ditadura do Estado Novo. A ideia é revisitar aqui essa espécie de *lacuna* em sua vida, já interpretada por alguns biógrafos, após um período de "grandiosa projeção" na vida de Mário enquanto diretor do Departamento de Cultura de São Paulo.

No Rio de Janeiro, os cafés e restaurantes da rua do Ouvidor eram pontos de encontro de poetas românticos, simbolistas e parnasianos desde o século XIX. Já havia, então, um uso intenso desses estabelecimentos como espaços de sociabilidade entre escritores, intelectuais e artistas. Nesse ambiente, Mário e seus amigos do Rio fundaram, em 1933, a Revista Acadêmica – nada “acadêmica”, no sentido tradicional, da erudição e da “torre de marfim”. Segundo Muza Clara Velasques, era “uma revista tão boêmia que seus primeiros números foram vendidos em um bar, o “Café Alencar”, no Flamengo” (VELASQUES, 2000, p. 117). Drummond registra que a Revista Acadêmica “refletiu o que a inteligência brasileira tinha de mais vivo” (DRUMMOND apud VELAZQUES, 2000, p. 117).

O poema “As Cantadas”, de setembro de 1938 – ano em que o autor de *Quatro pessoas* mudou-se para a então capital federal – foi publicado neste periódico. A primeira estrofe é a seguinte:

Terras brucas, céus maduros,
Apalpam curvas os autos,
Ai, Guanabara,
Serão desejos incautos,
Ancas pandas, seios duros...
Senti as curvas dos autos
Nas praias de Guanabara. (ANDRADE, 2017, p. 319)

Segundo Moraes (2007), a correspondência de Mário pode ser compreendida como um “arquivo da criação”, pois as cartas são “capazes de documentar a gênese e as diversas etapas de elaboração de um texto literário desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica da obra” (MORAES, 2007, p. 64). Em 1938, isto aconteceu duas vezes diante do conjunto das cartas analisadas: no processo de elaboração de *As Cantadas* e de *Luar no Rio*, ambos poemas ambientados no Rio de Janeiro.

Em carta a Paulo Duarte, ele envia um comentário sobre o texto:

Comunico-lhe que no mês passado fiz uma poesia, sobre o Rio, de puro entusiasmo pélico (de pele). Não vale nada, mas tem pelo menos quatro versos e um neologismo que justificam tudo:

Há deusas,
Há Vênus, há Domítilas,
Fazendo guanabaradas

Por aí.

Que tal? Como é que ninguém ainda não descobrira que a palavra “guanabaras” significa todas as espertezas pélicas (de pele) provocadas pelo contato da natureza facilitadora, é que não sei. (DUARTE, 1977, p. 166).

É possível fazer um paralelo entre este poema e *Carnaval carioca*, escrito em 1923, após Mário ter tido a experiência de passar um carnaval na então capital federal. Alberto Pucheu pensa o choque, em *Carnaval carioca*, entre a figura do intelectual paulistano e a do carioca, relacionando-as a um menor ou maior contato com o “povo”. Em outras palavras, o que está em pauta é a aproximação com o diferente, o diverso, para reconfigurar a identidade por meio da alteridade:

Perto do povo, o erudito paulista é exangue, desalmado, nada nele arde e, não ardendo, não pode configurar sozinho a brasa do Brasil; o temor, o tremor, a frieza, o preconceito e os policiamentos interiores são seus tristes donos. Nada nele cheira a felicidade, a gozo. A transformação de “tremi” (que diz respeito ao frio intelectual paulista) em “frêmito” (que diz respeito ao povo mestiço e ardente), fazendo com que a materialidade da segunda palavra absorva a da primeira, mostra a mestria de Mário de Andrade que começa a indicar que, engolido pelo povo, o intelectual ainda fará a experiência gozosa, mas que, para isso, tem de se dissolver no povo. (PUCHEU, 2011, p. 46).

Recuperando esse imaginário criado sobre as sociabilidades cariocas e paulistanas, Mário escreve ao amigo Murilo Miranda, em 1941. Na carta, recorda-se do tempo em que residiu no Rio:

Você quer saber mesmo o que o Rio me deu de bom? - foram as companheiragens, as conversas de bar, as nossas conversas fiadas, o espetáculo humano estranhíssimo de nossas vidas. [...] Mas pra mim que vinha de uma ordem de existências perfazidas, bem delineadas, antibiscatísticas, onde se fazia completa abstração do imprevisto, vocês todos me fizeram um imenso choque. (ANTELO, 1981, p. 67).

Essa sensação de “imprevisto” apontada pelo autor ao se referir à sua experiência no Rio de Janeiro também foi observada por cronistas da cidade, como João do Rio, em “A alma encantadora das ruas” (1908), e Luiz Antônio Simas, em “O corpo encantado das ruas” (2019). Simas articula suas impressões sobre as ruas da cidade a uma dimensão de corporalidade, fazendo, também, diversas menções a culturas e rituais de origem africana. Para ele, as ruas do Rio de Janeiro são palco dessas “encruzilhadas”. Uma questão que aparece recorrentemente em suas obras e entrevistas é a da cisão entre a cultura erudita e a popular, tema que atravessou estudos e cartas de Mário durante toda a sua trajetória pessoal e pública.

Em sua rotina, estava a vida agitada entre a Taberna da Glória, o Bar Nacional e o Bar da Brahma. De acordo com Castro, “sua permanência no Rio, de 1938 a 1941, cristalizou nele essa técnica de convívio com os moços” (idem, p. 154). Toda essa mudança de sociabilidade não parece ter sido simples, o que colabora com a construção do sentimento de um *exilado* no Rio, corroborando com as impressões de seu amigo mais jovem.

Somada a essa, outra dimensão importante da vida de Mário passava por uma transformação: o autor de Macunaíma havia acabado de ser destituído, à força, do cargo de Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, “ponto alto” de sua carreira, que possibilitou o empreendimento de diversos de seus projetos de democratização do acesso à cultura. Chegando à antiga capital, a experiência como professor e diretor do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal foi breve e conturbada pelo cenário político da ditadura de Vargas.

No entanto, podemos questionar até que ponto um intelectual como Mário de Andrade pode ser visto como um *exilado*, já que sua obra sempre foi guiada por uma ideia de comunicação, contato com *outros mundos* a partir de seu incessante gesto epistolar e de seus métodos de pesquisa e reflexão sobre a realidade brasileira. Enquanto correspondente, ele também se mostrou “trezentos, trezentos e cinquenta”. Miranda afirma que sua “tentacularidade epistolar cortava o Brasil de ponta a ponta, num contato intenso e fecundo com as forças mais vivas da inteligência brasileira” (MIRANDA apud MORAES, 2007, p. 50). Em suas cartas, observa-se uma diversidade de figurações de si, moduladas em face de cada um de seus interlocutores – as suas *personae*.

Personae

Para além da contextualização geográfica e histórica que permeia o trânsito de Mário pelas duas cidades, na dissertação, analisamos sua epistolografia – mais precisamente de um recorte de 60 cartas que ele enviou a dezenove correspondentes durante o ano de 1938. Nelas, constatamos que Mário modelava seu discurso sobre a cidade de acordo com o interlocutor a quem escrevia. O trabalho se beneficiou do levantamento apresentado na tese intitulada Índice Temático da Correspondência Ativa de Mário de Andrade, de Ceci Ribeiro Camargo (UFRGS).

Nesse sentido, se a “epistolomania” de Mário de Andrade desde sua juventude revelava seu interesse por criar redes de contato com diferentes pessoas por meio da palavra

escrita, é importante comentar as diferenças entre os relatos sobre seu comportamento em “carne e osso” e os que se construía por meio das *personae* criadas através das correspondências. Seu amigo Manuel Bandeira afirmava que sua postura era bastante diferente no contexto epistolar: era mais aberta, despachada, livre, do que pessoalmente.

Nesse sentido, percebemos diferenças em relação ao conteúdo das cartas enviadas a amigos como Paulo Duarte, de quem se sentia mais próximo; Oneyda Alvarenga, que continuava trabalhando na Discoteca Pública de São Paulo e havia sido sua aluna no passado; Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do SPHAN, de quem era amigo mais “distante”; e Gustavo Capanema, com quem mantinha relações amistosas devido à necessidade de empregabilidade diante da conjuntura do Estado Novo.

Entretanto, mesmo com as modulações de si feitas por meio das *personae* que o escritor assumia nas cartas, conseguimos esboçar um contorno do momento de sua transferência para o Rio marcado por três fatores: sua grande decepção após a saída do Departamento de Cultura de São Paulo; sua atuação como professor de História e Filosofia da Arte na Universidade do Distrito Federal, fundada por Anísio Teixeira em 1935; a diferente sociabilidade que vivenciou ao chegar na então capital federal.

Lacuna: *exílio e ruptura*

As cartas enviadas por Mário no ano de 1938, analisadas nesta pesquisa, relacionam-se à ideia de “cartas de ruptura” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 96), acompanhando a “transformação do real” na experiência do epistológrafo. No caso desta pesquisa, lemos apenas “um lado” do jogo epistolar – o do autor das missivas – de forma a compreender as questões colocadas a partir de sua perspectiva. Haroche-Bouzinac destaca que, neste caso, “é o olhar do leitor que faz com que os epistológrafos se tornem personagens de uma ficção verdadeira” (idem, p. 15).

A pesquisa de mestrado da qual nasce este artigo, por ter sido realizada durante a pandemia de covid-19, precisou recorrer a cartas que já haviam sido publicadas em livro. Não houve, assim, contato com a dimensão do tátil do papel e da caligrafia do epistológrafo. Pereira e Almeida (2022), co-fundadoras do grupo de estudos “Lacuna”, sediado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, comentam a questão do papel do pesquisador de arquivos literários no contexto da digitalização de cartas e manuscritos. Nesse caso, as pesquisadoras comentam que o potencial criativo dos investigadores em relação aos arquivos

que acessam é ainda maior. É como se o pesquisador, ao entrar em contato puramente com o conteúdo das cartas, e não com sua dimensão física, tivesse um espaço ainda maior para especular sobre o que lê. Elas escrevem, referindo-se ao estudo de uma caderneta de Clarice Lispector:

Certos gestos de Lispector incrustados na grafia, nos espaçamentos e nas rasuras são intransponíveis para a tipografia padronizada de um processador de textos, como o Word. Nessa passagem, o que perde, o que fica, o que se modifica? (Sua letra trêmula, para além da narrativa que escreve, conta também a história do incêndio que sofreu na década de 1960. Times New Roman escreve só a narrativa.). (PEREIRA; ALMEIDA, 2022, p. 9).

A dimensão perdida da materialidade do arquivo pode ser reconfigurada em mais uma das lacunas que buscamos preencher quanto a um recorte de um momento específico da vida de Mário de Andrade. Outros biógrafos e pesquisadores denominaram tal momento como *exílio*. Talvez seja interessante lê-lo não como algo temporário, mas sob o signo de uma *ruptura* que se estenderia até o final de sua vida. Pouco depois de sua mudança, em agosto de 1938, ele manifestou certo “arrependimento” em relação à sua transferência para o Rio de Janeiro. Disse a Paulo Duarte:

Às vezes me vêm também uma espécie de remorso de ter deixado o Departamento. Remorso derivado mais de um vício que de uma realidade exata. Pois o certo é que estava decidido a largar do Departamento e voltar pro meu cantinho. O primeiro passo essa decisão você conhecia: o abandono da diretoria. Minha intenção era recomeçar jornalismo, alunos particulares, e assim que tivesse com que me sustentar, reassumir minha cátedra no Conservatório e sair da vida pública. Puro egoísmo sim, mas raciocinado, bem pesado, meu. Com estas lembranças o remorso acaba logo; mas não acaba a tristeza... física do remorso, e o reflexo social dos que me censuram por largar São Paulo. É certo que não estou nada feliz, embora não me sinta desgraçado. (DUARTE, 1977, p. 163)

O início desse estado melancólico se apresenta, também, no poema "Luar do Rio", remetido em carta a Oneyda Alvarenga em dezembro de 1938. Em 1941, a Murilo Miranda, ele admite ter vivido, no Rio, um “fracasso”:

Puxa já escrevi muito, sem querer. Fui me deixando levar por um problema que me tem apaixonado muito, esse de meu fracasso aí no Rio. O melhor seria não falar nisso por enquanto, até que com o tempo eu possa ter uma visão mais sintética e mesmo mais nítida. Todas as nitidezas de agora devem ser mais clarões sentimentais que nitidezas (ANTELO, 1981, p. 69).

Nesse sentido, a derrota que ele diz ter experienciado no Rio de Janeiro pode ser entendida como um prolongamento daquela que sentia desde sua demissão do Departamento, que desencadeou um movimento de *ruptura* subjetiva radical. Ao fazer uma retrospectiva de

seu passado, Mário se sentia cada vez mais “fracassado”. Em 1942, questionou a potencialidade do movimento modernista, do qual participara ativamente nos anos 1920. Além disso, sentia que ele e os colegas teriam errado ao se omitirem quanto a questões de natureza social e política. Portanto, as cartas analisadas na pesquisa mostraram-se como testemunhos desta *ruptura* em sua trajetória pessoal e intelectual, que perdurou até seu falecimento precoce, em 1945.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **De Paulicéia Desvairada a Lira Paulistana**. São Paulo: Martin Claret, 2017.

ALVARENGA, Oneyda. **Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

ANTELO, Raúl (Edição preparada por). **Mário de Andrade. Cartas a Murilo Miranda, 1934-1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade: Exílio no Rio**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

CAMARGO, Ceci Ribeiro. **Índice temático da Correspondência ativa de Mário de Andrade. 1919-1919**, com a colaboração dos bolsistas Alexandre Zaslavsky e Briane Moreira Becker, sob orientação do Prof. Dr. José Augusto Avancini. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CNPq/ Fapergs), 1998.

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1977.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: EDUSP, 2016.

MORAES, Marcos Antonio de. **Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade**. São Paulo: EdUSP, Fapesp, 2007.

MORAES, Marcos Antonio de. A epistolografia de Mário de Andrade: memória da criação. São Paulo: UNESP, **Revista Patrimônio e Memória**, v. 3, n.1, 2007.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

PEREIRA, Clara Lopes; ALMEIDA, Elizama. Acervos literários digitais ou O pesquisador como artista: notas sobre uma caderneta de Clarice Lispector. **Scriptorium**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2022.

PERES, José Roberto Pereira. **O Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal: uma experiência modernista de formação de professores de artes (desenho e pintura) para o ensino secundário (1935-1939)**. Tese de doutorado. Orientadora: Profa. Dra. Patrícia

Coelho da Costa. Coorientador: Sonia Maria de Castro Nogueira Lopes. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020.

PUCHEU, Alberto (org). **O carnaval carioca de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011.

TÉRCIO, Jason. **Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

VELASQUES, Muza Clara Chaves. **Homens de letras no Rio de Janeiro dos anos 1930 e 1940**. Orientadora: Profa. Ângela de Castro Gomes. Tese de doutorado em História Social. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000.